

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
Licenciatura em Educação Física**

**AMANDA SOUZA DE OLIVEIRA
GONÇALVES**

**HISTÓRIAS DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DE MUZAMBINHO (ESEFM)
(1969 – 1974)**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO**

Licenciatura em Educação Física

**AMANDA SOUZA DE OLIVEIRA
GONÇALVES**

**HISTÓRIAS DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DE MUZAMBINHO (ESEFM)**

(1969 – 1974)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciatura em Educação Física, sob
orientação do Prof. Mestre Mateus Camargo Pereira.

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de _____ de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou durante estes últimos 3 anos, principalmente as minhas filhas Elisa e Gabriela, pedindo perdão pela minha ausência. Ao meu esposo Wagner que sempre me incentivou a nunca desistir , aos meus pais, a Regina e ao Miguel que me ajudaram cuidando das minhas filhas para que eu pudesse estar aqui todos os dias .

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, que me deu forças pra vencer todas as dificuldades e conseguir chegar até aqui. Agradeço a todos os professores, que de alguma forma contribuíram para minha formação, em especial ao orientador deste trabalho, professor Mateus Camargo Pereira que sempre acreditou em mim mesmo nos momentos em que pensei em desistir, ele estava lá com uma palavra de incentivo.

Agradeço a todos os colegas que fizeram parte da minha vida nesses últimos 3 anos, em especial as minhas colegas Aline Silva, Ana Flávia, Débora, Núbia e Renata que sempre estiveram junto comigo me apoiando nesta caminhada.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho.

EPÍGRAFE

"Eu tentei 99 vezes e falhei, mas na centésima tentativa eu consegui, nunca desista de seus objetivos mesmo que estes pareçam impossíveis, a próxima tentativa pode ser a vitoriosa"

Albert Einstein

GONÇALVES, Amanda Souza de Oliveira; **HISTÓRIAS DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MUZAMBINHO (1969 – 1974)**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Instituto Federal do Sul De Minas - Campus Muzambinho, Minas Gerais, 2013.

RESUMO

Este trabalho constrói uma versão sobre a criação e funcionamento da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM) entre 1969 (criação da Fundação Educacional de Muzambinho – FEM) e 1974 (formatura da primeira turma). Baseados na perspectiva historiográfica da Escola dos Anales, consultamos documentos administrativos, fotografias, livros de atas e de ponto, diários de classe, fontes orais e referências bibliográficas sobre o assunto e a história da educação física. O trabalho conta uma história sobre a iniciativa de criação que partiu de dois professores recém formados em Belo Horizonte, William Peres Lemos e Lia Mara Zaghi. Contempla os diversos percalços superados, tais como falta de apoio inicial, profissionais qualificados e estrutura adequada, relatando fatos sobre os vestibulares, as aulas e a 1ª formatura realizada. Concluimos que a ESEFM adaptou-se às dificuldades que lhe foram colocadas, formando professores de acordo com as tendências pedagógicas tecnicistas e esportivistas da época.

PALAVRAS – CHAVE: ESEFM; Educação Física; História da Educação Física

Goncalves, Amanda Souza de Oliveira; **HISTORY OF SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION MUZAMBINHO** (1969-1974). Work completion of course (Bachelor of Physical Education) - Institute Southern Federal De Minas - Campus Muzambinho, Minas Gerais, 2013.

ABSTRACT

This work builds a version on the establishment and operation of the College of Physical Education Muzambinho (ESEFM) between 1969 (establishment of the Educational Foundation of Muzambinho - FEM) and 1974 (the first class). Based in the School of historiographical perspective Analles, consult administrative documents, photographs, minute books and point class diaries, oral sources and references on the subject and the history of physical education. The work tells a story about the creation initiative that came from two newly qualified teachers in Belo Horizonte, William Peres and Lia Mara Lemos Zaghi. Contemplates the various mishaps overcome, such as lack of initial support, qualified and suitable structure, reporting facts about vestibular classes and 1st graduation held. We conclude that ESEFM adapted to the difficulties that have been placed, forming teachers according to teaching trends and technologic esportivistas the season.

KEY - WORDS: ESEFM; Physical Education History of Physical Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 : REVISÃO DE LITERATURA.....	12
CAPITULO 2 : MATERIAIS E METÓDOS.....	16
CAPITULO 3 : HISTÓRIAS DA ESEFM.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	38
ANEXO 1	41
ANEXO 2.....	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo construir uma interpretação sobre a criação e funcionamento da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM) entre 1969 (criação da Fundação Educacional de Muzambinho – FEM) e 1974 (formatura da primeira turma). Tal trabalho se justifica por vários motivos: 1) preservação das histórias da educação física em Muzambinho e região; 2) Possibilitar uma avaliação do processo de ampliação do ensino superior privado em meados de 1970; 3) Subsidiar outros estudos similares ou em períodos subsequentes; 4) entender em que circunstâncias foram formados os primeiros professores de educação física da nossa região, ampliando nossa compreensão sobre as práticas aqui desenvolvidas a partir de então.

Demos ênfase à formação do primeiro corpo docente, à forma de seleção dos primeiros alunos através do primeiro vestibular, às aulas práticas e teóricas, como e onde eram realizadas, qual era a concepção da Educação Física naquele período, e a formatura da primeira turma da faculdade, em 1974. Para a realização do trabalho nos baseamos nas fontes disponíveis no Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS (CEMEFEL): documentos administrativos, pedagógicos, fotografias, diários de classe, livros de atas etc; na dissertação de mestrado do professor Willian Peres Lemos, um dos fundadores da ESEFM; e em fontes orais através de depoimentos de ex-professores e ex-alunos, que são pessoas que participaram do início da escola.

No primeiro capítulo deste trabalho fizemos uma breve revisão bibliográfica sobre a teoria da história e a história oral. No segundo capítulo, iniciamos contando como se deu o processo inicial para a fundação da ESEFM, desde a primeira reunião com membros da comunidade até a formatura da primeira turma em 1974. Analisamos também como se formou o primeiro corpo docente de professores, como foi o primeiro vestibular, como e onde eram as aulas, qual era a concepção de educação física adotada pela ESEFM naquele período e finalmente como foi a

formatura dos primeiros alunos. Posteriormente, realizamos nossas considerações finais.

CAPÍTULO 1 : REVISÃO DE LITERATURA

Esse trabalho é uma pesquisa histórica, baseada em referências da Escola dos Annales, movimento iniciado em 1929 e que teve como precursores Marc Bloch e Lucien Febvre. Segundo Pereira (2006, p.36):

A escola dos *Annales*, movimento acadêmico inaugurado em 1929 por BLOCH e FEBVRE, já sistematizara uma idéia de história-problema, questionadora da história dos grandes personagens, a tônica na historiografia positivista que dominara os círculos acadêmicos até então. Na segunda metade do século XX, E. P. THOMPSON faz alusão à necessidade de uma interpretação da história “a partir dos de baixo”.

Os historiadores dos Annales questionavam um tipo de história baseada nos registros herdados dos poderosos de cada época e reconhecia a multiplicidade de fontes possíveis para a sua construção, incluindo nelas as fontes orais. A História positivista praticada até então negava a possibilidade da utilização da fonte oral pelo subjetivismo associado ao depoimento pessoal. A Escola dos Annales considera todo documento histórico parcial, portador de uma referência situada socialmente, desmistificando a imparcialidade da fonte escrita, tradicionalmente utilizada. Junto dela surge a História Nova, que vem pra romper com a idéia de que só era possível fazer história se houvesse documentos escritos. Ela vem para ampliar a idéia de documento histórico. “Identificado o universo documental, é preciso lembrar sempre que o documento não fala por si; ele precisa da voz do historiador - e múltiplas vozes são possíveis!” (TABORDA de OLIVEIRA, 2001, p. 26).

A pesquisa histórica é relevante, pois a partir da história podemos conhecer e entender um pouco mais sobre a educação física. Conhecer a história de um determinado grupo é conhecer sua cultura, seus valores. Sendo assim, ao fazer uma pesquisa histórica podemos conhecer e entender um fato histórico, não apenas a história de vencedores, mas também dos derrotados.

Para isso é necessário escolher as fontes com as quais vamos trabalhar. Segundo GOELLNER (2011, p.47) “(...) em História “tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira”. As fontes podem e devem ser as mais variadas, tais como: documentos oficiais, jornais, revistas, diários, correspondências, atas, livros de

registros, entrevistas, fotografias, equipamentos esportivos, medalhas, prédios arquitetônicos, monumentos, vestuário, quadros, filmes. Porém para que essas fontes sejam adequadas elas deverão estar de acordo com a pergunta que se quer responder, ou seja, as fontes devem dialogar com a pergunta inicial da pesquisa.

...é impossível tomar a História da Educação Física e/ou Esportes no singular pois são muitos os seus temas, objetos, problemas, instrumentos analíticos e fontes. A tarefa de registrar a história, grosso modo atribuída aos historiadores, possibilita múltiplas interpretações de um mesmo acontecimento cujo resultado (ou seja a narrativa) vai depender “das fontes existentes, dos recursos teórico-metodológicos escolhidos e de um olhar, dentre vários outros possíveis, marcado por nossa atualidade, vale dizer, por nossa inserção cultural e social, enfim, por nossa própria subjetividade. (GOELLNER, 2011, p.46)

Os documentos devem ser analisados com um olhar crítico do historiador, pois a partir das perguntas realizadas, várias interpretações de um mesmo fato são possíveis. O trabalho do historiador é buscar se aproximar o máximo possível do que aconteceu sem se deixar levar pelo “achismo”, levando sempre em consideração que a verdade absoluta sobre um determinado fato pode não existir. Para isso devemos analisar todos os documentos levantados para tentarmos chegar o mais próximo possível do fato, bem como considerar quem produziu os documentos e com quais interesses.

O documento tem vida; sua edificação pode e deve ser desmontada pelo historiador no sentido de apreender suas múltiplas linguagens, determinações e possibilidades; sobretudo, no sentido de resgatar as configurações de poder sub-reptícias no seu interior. A atitude do historiador frente ao seu *corpus* documental nunca é neutra. O historiador encontra-se historicamente e ideologicamente situado. Resultado não acabado das mais diversas orientações e influências o historiador encontra-se, no processo de investigação, diante de um processo mais amplo que é a sua própria formação pessoal e intelectual (TABORDA de OLIVEIRA, 2001A, p. 26).[...] O historiador não deve fabricar fatos arbitrariamente, mas não pode deixar de influenciar na sua interpretação. O historiador encontra no presente fragmentos do passado que permanecem vivos. Por que prevaleceram e permaneceram estes fragmentos e não outros? Este é o papel do historiador: recolocar questões por vezes esquecidas, por vezes negligenciadas, à luz das evidências empíricas (TABORDA de OLIVEIRA, 2001b, P.27).

Com essa nova forma de se fazer história foi possível trazer à tona sujeitos anônimos, que através da história oral passam a ter “voz”. A história oral como metodologia de pesquisa produz ‘memória’, que por sua vez imprime a identidade do

entrevistado, e este passa a mostrar como ele se vê e como ele vê o mundo em que vive.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005, p.155 apud SILVEIRA, 2007, p.3)

A história oral utiliza como instrumento de pesquisa as fontes orais. Estas ganham força em pesquisa após os anos 60, devido ao surgimento do gravador de voz. O desenvolvimento tecnológico pôs à serviço das ciências sociais novos meios para captar o real, entre eles o gravador. Com o surgimento dessa nova ferramenta é possível preservar na narração a vivacidade dos relatos que até então eram registradas em anotações. Sendo assim a base da fonte oral é formada por uma tríade: o entrevistado, o entrevistador e o gravador. Esses três são elementos principais para a existência da fonte oral. Além desses três elementos existem três tempos principais para a fonte oral: a gravação em si, a transcrição da gravação e a conferência dessa gravação.

A base da existência da fonte oral é o depoimento gravado e, portanto, três elementos lhe são constitutivos: o entrevistador, o entrevistado e o aparelho de gravação. E ainda, há três tempos principais e nítidos, embora eventualmente complementares: o da gravação (materialização do documento inicial), o do fazimento do documento escrito e da análise, se for este o caso (MEIHY, 1996 apud SENRA, 2006).

Outro fator importante sobre a fonte oral é que o entrevistador deve fazer transcrição da entrevista na íntegra, cuidando para não alterar o sentido das palavras ou frases e fazendo uma conferência fidedigna, a fim de corrigir possíveis erros durante a transcrição, sempre mantendo-se neutro. Nesse processo pode-se elaborar um roteiro com perguntas pré-estabelecidas, que irá auxiliar durante a entrevista, evitando a perda do foco principal. Um Termo de Consentimento informando o entrevistado sobre as finalidades, a divulgação, os riscos e os prejuízos da entrevista para o depoente é importante para a segurança de ambos.

O entrevistador deve ter em mente que o relato de uma fonte nunca é a verdade absoluta, trata-se apenas da visão daquele indivíduo sobre determinado

assunto. Para isso esse relato deve ser confrontado com outros possíveis elementos que ajudaram a esclarecer ou tentar esclarecer um determinado fato.

Segundo Senra (2006), como procedimento, a fonte oral apresenta inúmeras potencialidades metodológicas bem como cognitivas, tais como: (i) revelar novos campos e temas de pesquisa; (ii) apresentar novas abordagens sobre processos já analisados e conhecidos; (iii) recuperar uma diversidade de memórias sob diferentes óticas e versões; (iv) possibilitar evidências via cruzamento de depoimentos; (v) recuperar informações sobre acontecimentos e processos não constantes em outras fontes de pesquisa ou mesmo disponíveis; (vi) possibilitar a redefinição de cronologias históricas frente a informações anteriores; (vii) contemplar o registro de vocalização de sujeitos sociais até então não considerados pela história predominante; (viii) possibilitar o registro de versões alternativas às versões da história oficial; (ix) possibilitar a associação entre acontecimentos da vida pública e da vida privada por meio das narrativas individuais e; (x) ser uma alternativa ao caráter estático do documento escrito (THOMPSON, 1992 *apud* DELGADO, 2006 *apud* SENRA, 2006, p.12).

As fontes orais, mais do que tratar de um evento, tratam a memória de um ou mais indivíduos. Ela reproduz aquilo que o sujeito sente ou sentiu em determinado momento de sua vida, isso a torna um instrumento essencialmente importante dentro da história oral.

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Estas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas, também, como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade. Neste sentido, “a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, *apud* ERRANTE, 2000, p. 142, *apud* EDEN, 2007, p.5).

CAPITULO 2 : MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa é uma pesquisa documental, que visa analisar fontes primárias tais como: documentos administrativos (atas de reuniões, livros de ponto, livros contábeis, ofícios, regimentos), de ensino (históricos escolares, diários de classes), iconográficos (fotografias). Faz uso, também, de fontes orais. A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois são dados destes documentos que serão confrontados com as informações recebidas das fontes orais.

As fontes foram analisadas ampliando o olhar sobre os fatos narrados no trabalho de Lemos (1999), além de tematizar assuntos que não foram abordados no referido trabalho.

Iniciamos estudando a dissertação de mestrado do professor Willian Peres Lemos (1999) um dos fundadores, professor e diretor da faculdade por quase todo o seu período de existência. A dissertação é uma fonte com muitas informações sobre o processo de fundação da ESEFM. A partir daí começamos a identificação de ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários para iniciar a captação de depoimentos através de entrevistas.

Através da documentação que dispúnhamos conseguimos localizar, identificar e selecionar professores, estudantes e funcionários da primeira turma da ESEFM (1971-1974). A seleção dos entrevistados foi feita com base na disponibilidade do entrevistado, pelo tempo de atuação na instituição e priorizando os indivíduos que fizeram parte da instituição no período de 1969 – 1974.

Dentre os entrevistados foi escolhida a professora Lia Mara Zaghi, fundadora, ex-diretora e ex professora da ESEFM. Lia Mara ministrou aulas para a primeira turma (1971) e participou de todo processo de iniciação da fundação ESEFM . Ela que juntamente com Willian Peres Lemos, ambos recém formados em Educação Física pela Escola de Educação Física de Minas Gerais em Belo Horizonte, retornam a sua cidade de origem e apoiados por duas autoridades reconhecidas na cidade, o pároco frei Rafael Zevenhoven e o médico Antero Veríssimo da Costa, conseguiram mobilizar a cidade para a realização de seu sonho: fundar uma escola superior de Educação Física.

Para representar os funcionários selecionamos a Sra. Aparecida Anechinni, segunda secretária (1971) da ESEFM e trabalhou durante todo o período em que a instituição permaneceu ativa até o momento em que ela foi incorporada ao Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho.

Colhemos o depoimento de vários professores, dentre eles o professor Luiz Pedro Abichabki Neto, o primeiro professor de basquete da escola. "Luizinho", como é mais conhecido, trabalhou na ESEFM por 40 anos (1970-2010), deixando a instituição apenas em 2010, quando a ESEFM foi federalizada. A primeira professora de Didática Vera Lucia Zaghi. Entrevistamos também o professor e ex-aluno Fernando Bernardelli, professor de Biomecânica, Cinesiologia, Anatomia e Nutrição Esportiva. O também professor e ex-aluno Osvaldo Jaci da Silva, mais conhecido como "Vadão", formado em 1978, na quinta turma da ESEFM e, posteriormente, docente da instituição entre 1981 e 2010. O professor e ex-aluno Ivan Antonio de Freitas, aluno da primeira turma (1971) e ex-professor de Lutas. Mais tarde torna-se Diretor da ESEFM. O professor Luiz Antonio Franquiozzi, mais conhecido como "Alemão", aluno da segunda turma de alunos da faculdade (1971). O professor Edson Dino, aluno da primeira turma e primeiro colocado no primeiro vestibular em 1971. Em 1974, Edson tornou-se professor de atletismo da escola. E a ex-aluna e professora de Ginástica Artística Eliana Dipe, formada em 1985.

Foi elaborado um roteiro com perguntas (anexo) para cada entrevista, com objetivo de não perdermos o foco principal.

Providenciamos um Termo de Consentimento Informado (anexo), onde ficou claro aos entrevistados as finalidades da entrevista; todos os entrevistados foram previamente informados sobre a divulgação, os riscos e prejuízos. Onde a permissão foi oficializada com a assinatura de ambas as partes (entrevistados e pesquisadores).

A primeira entrevista ocorreu no dia 24 de Novembro de 2011, no prédio do CECAES – Instituto Federal do Sul de Minas. Foi realizada com a senhora Lia Mara Zaghi. Ela compôs o quadro de professores da primeira turma de 1971 e fez parte do início da fundação da Escola de Educação Física de Muzambinho –ESEFM (1971) e que ficou até o momento que a ESEFM se integrou ao Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho (2010).

A entrevista teve um roteiro semi estruturado, sem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas pelo roteiro sofreram alterações ficando mais flexível. Utilizamos alguns elementos para evocar a memória da entrevistada, tais como fotografias e ficha de alunos.

Em 26 de Janeiro de 2012 entrevistamos o professor Ivan Antônio de Freitas, que foi aluno da primeira turma da ESEFM e, posteriormente, fez parte do corpo docente da instituição por aproximadamente 30 anos. A entrevista foi realizada no prédio do CeCAES – Instituto Federal do Sul de Minas.

As demais entrevistas foram realizadas num encontro de ex-professores na chácara da professora Lia Mara em 01 de Setembro de 2012, pelo professor Mateus Camargo Pereira.

Todas as entrevistas foram gravadas e filmadas. Utilizamos alguns elementos para evocar a memória dos entrevistados, tais como fotografias, documentos e fichas dos ex alunos.

Devido ao grande volume, as entrevistas estarão disponíveis apenas na versão on-line deste trabalho.

CAPITULO 3 – HISTÓRIAS DA ESEFM

A idéia de fundar uma faculdade surge de dois jovens recém formados professores de educação física, Wilian Peres Lemos e Lia Mara Zaghi. Vindos da Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais, sediada em Belo Horizonte, graduam-se em 1967 e se casam ao retornar à Muzambinho. Passam a lecionar na Escola Estadual Prof. Salatiel de Almeida e iniciam a busca pela viabilização do sonho. Contudo tratava-se de uma cidade praticamente rural e muito tradicional, onde o comércio vivia basicamente da renda do café. Todo esse cenário contribuía para grandes dificuldades, pois além de serem muito jovens estavam afastados da cidade há algum tempo devido aos estudos em Belo Horizonte. Segundo LEMOS (1999:38), “além deste aspecto de afastamento, pesava ainda um fato importante, pois tinha apenas 25 anos e a sociedade muzambinhense era bem tradicional, oriunda das lideranças dos coronéis fazendeiros e políticos”.

Como forma de fortalecer a iniciativa aliam-se ao Dr. Antero Veríssimo da Costa, médico influente na cidade, que na época era o presidente do Lions Clube. Com esta adesão o projeto ganharia mais credibilidade, já que a sociedade muzambinhense não compreendia o que significava abrir uma faculdade. Ao mesmo tempo, a iniciativa ganha o apoio do pároco da cidade, o Frei Rafael Zevenhoven. A partir daí inicia-se o processo de formação da ESEFM. Essa versão é relatada na dissertação do professor William, intitulada “A Escola Superior de Educação Física de Muzambinho no Contexto da Educação Física Brasileira”. Tais fatos são corroborados em depoimento da professora Lia Mara¹. Afirma a professora:

O pessoal podia nos ajudar na área de saúde, porque tinha as matérias afins, então a gente achava pensou : “- vamos convida um medico”. O doutor era muito respeitado, todas as pessoas de Muzambinho tinham nascido na mão dele. Era uma pessoa de ibope altíssimo. Falava doutor Antero todo mundo acreditava, porque acreditar em dois jovens, com 22 eu e 25 o Willian. Com uma idéia doida, de fundar uma escola... Então, procuramos o doutor Antero, a

¹ Lia Mara Zaghi . Entrevista concedida ao CEMEFEL- Centro de Memória da Educação Física , Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS – campus de Muzambinho. Em 24 de Novembro de 2011 , no CECAES.

gente conversou com ele. Nós éramos do Lions club, e o doutor Antero era presidente do Lions[...] (ZAGHI, 2011, p.14).

De acordo com o livro de atas de reuniões da FEM (Fundação Educacional de Muzambinho), sua criação ocorreu em 02 de Junho de 1969. A primeira reunião ocorreu no salão nobre da câmara dos vereadores de Muzambinho, dirigida pelo então presidente Doutor Antero Veríssimo da Costa, com objetivo de discutir os estatutos e a eleição dos componentes dos vários órgãos que iriam reger a fundação. Com um discurso enfático e melancólico o presidente conta como foi a primeira das muitas viagens que fariam até Brasília pedir apoio para fundar a tão sonhada escola. Durante seu discurso ele faz um apelo para que todos unissem forças em prol de um mesmo objetivo. (Livro de Atas de Reunião de 02 de Junho de 1969, folha 1).

“Está no consenso do povo de Muzambinho, como aliás de toda zona sul mineira, que há regressão do progresso, que reina o desânimo e o desalento. Entretanto, para tudo deve ter um remédio, e o nosso está na reação do nosso povo. Não esperemos que o milagre caia do céu, há esperanças vamos lutar. O lema leonístico é Servir e, quem não nasce para servir não serve para viver”.

A FEM tratava-se de uma fundação sem fins lucrativos que continha 200 sócios fundadores que contribuía mensalmente com a instituição com um valor de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros), registrados através do “livro ouro”. Este valor fica estipulado em ata na reunião do dia 8 de Fevereiro de 1971, folha 17, onde as 70 (setenta) primeiras pessoas que assinassem a ata se comprometiam a doar para fundação Cr\$ 500,00 (Quinhentos Cruzeiros) e contribuir mensalmente e por tempo indeterminado com Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros), com o objetivo de ajudar nas despesas da escola a fim de que esta não dependesse unicamente da mensalidade de alunos.

Neste período havia um momento favorável para a educação física. Segundo TABORDA DE OLIVEIRA (2000:19):

A reforma universitária de 1968 (Lei 5.540/68) expande a oferta de vagas nos cursos superiores, o que incrementaria a formação de profissionais de Educação Física; paralelamente o governo investia na formação de quadros em caráter de emergência, definia uma política setorial para a área de Educação Física e Esportes, legislava

exclusivamente sobre a matéria, de forma a dotá-la de um aparato legal diferenciado (Lei 5.692/71, art., 7º; Decreto 69.450/7), incrementava uma política de publicação e circulação de idéias sobre essa área, da qual a *Revista* é o melhor exemplo, fomentava a pesquisa e a pós-graduação em Educação Física no Brasil. Por outro lado, a corporação dos especialistas organizava-se; emergiam os programas municipais e estaduais para a área; consolidava-se a influência do esporte sobre as práticas escolares; a Educação Física ganhava uma certa autonomia no interior da instituição escolar; debatia-se sobre o seu estatuto científico e sobre as suas implicações pedagógicas; expandiam-se as competições com um caráter pretensamente “formativo” – competições intraescolares, Jogos Escolares, Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) e Jogos Universitários Brasileiros (JUBs). Ou seja, em um período entre aproximadamente dez e 15 anos a Educação Física brasileira conheceria uma expansão jamais vista na história brasileira.

Além de uma conjuntura favorável, existiam elementos locais bastante animadores. Segundo Lemos (1999, p.6) havia:

[...] inexistência de professores habilitados, o amplo mercado de aulas de educação física nas inúmeras escolas, a legislação que incentivava a abertura das escolas particulares, a existência de uma única escola de Educação Física no Estado de Minas Gerais e as condições culturais e sócio-econômicas propícias na época.

Para iniciar era necessário que a FEM tivesse um patrimônio. Então além da contribuição dos 200 (duzentos) sócios fundadores no valor de Ncr\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros novos), a prefeitura de Muzambinho contribuiu com mais Ncr\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros novos) conforme a lei nº 673, de 18/11/68 de acordo com livro de ata de reuniões da FEM, folha 6. E posteriormente a diocese de Guaxupé por intermédio de Frei Rafael faz a doação de um imóvel localizado na Praça dos Andradas no valor de CR\$ 45.000,00 (Quarenta e cinco mil cruzeiros novos). Tal dado pode ser confirmado na Pasta de Inventário de Bens da ESEFM, datado de 31 de Julho de 1971, na página 14.

O corpo docente foi outro obstáculo para a partida inicial das atividades pedagógicas da ESEFM. Como haviam poucas pessoas habilitadas devido à escassez de cursos de educação física no país, sendo apenas um curso superior em Belo Horizonte, muitos dos primeiros professores eram de outras áreas, tais como

médicos, advogados, enfermeiras, pedagoga conforme documento enviado ao Ministério da Educação e Cultura em 27 de Maio de 1970².

Segundo a professora Lia Mara, para formar o primeiro corpo docente ela e o professor Wilian saíram pela região à procura dos poucos profissionais qualificados à época. Entre os professores de educação física do primeiro corpo docente da ESEFM estavam o professor Wilian Peres Lemos, que além de diretor lecionava as disciplinas de Ginástica Olímpica, Voleibol e atletismo. A professora Lia Mara Zaghi, com as disciplinas de Ginástica Geral, Rítmica e Ginástica Moderna. O professor Luiz Pedro Abichabki Neto que lecionava a disciplina de Basquetebol, formado em Educação Física pela USP. A professora Vera Lucia Zaghi, com a disciplina de Didática, formada em Pedagogia em Belo Horizonte. Um outro empecilho era o fato de que algumas disciplinas eram só para as mulheres e obrigatoriamente era necessária uma professora mulher e outras só para homens, sendo igualmente necessário um professor do sexo masculino. Segundo FREITAS (2012, p.25) “... Judô só pra homens, mulher não podia nem assistir. Tinha esse negócio, tinha aula que era só pra mulher, outras só pra homem, tudo separado.” Podemos observar essa afirmação nos documentos curriculares da ESEFM e em fotos tiradas na época. Tais documentos se encontram no CEMEFEL³.

A autorização efetiva para o funcionamento da ESEFM se deu em 1 de junho de 1971 através de parecer número 379/71 do Conselho Federal de Educação. Em 05 de Junho de 1971 está registrado em ata, página 23/24, que o professor Wilian Peres Lemos passa a ser oficialmente o primeiro diretor da ESEFM por votação

² Este documento encontra-se no CEMEFEL dentro do envelope com os Documentos apresentados para o Reconhecimento – cópias. Trata-se de uma carta recebida pela ESEFM com a autorização para o funcionamento desta através do parecer 379/71.

³ CEMEFEL-IFSULDEMINAS, trata-se de um espaço de memória e preservação da história de professores, funcionários e alunos da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho onde concentra-se toda a documentação relacionada à educação física, esporte e lazer no Sul de Minas Gerais, especialmente aqueles produzidos pela ESEFM.

unânime dos sócios fundadores; recebendo um ordenado de Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros).

Após uma visita à cidade de Muzambinho o referido conselho constatou ser necessária uma melhor qualificação dos professores, adaptações no regimento e reestruturação no patrimônio da escola, que foi considerado insuficiente. Mesmo com a autorização para o funcionamento da escola, o curso de educação física ainda não estava oficialmente reconhecido, pois era necessária a formatura da 1ª turma. O reconhecimento veio apenas anos depois, em 10 de Abril de 1975.

Com a autorização para o funcionamento do curso, iniciam-se os preparativos para o primeiro vestibular, que aconteceu nos dias 19, 20 e 21 de Julho de 1971. Segundo Lemos (1999) inscreveram-se para o vestibular cerca de 100 pessoas para 80 vagas disponíveis. Os inscritos, segundo Lia Mara, eram em sua maioria atletas, ou pessoas que participavam de alguma modalidade esportiva na cidade, sendo 51 mulheres e 49 homens. A taxa de inscrição para o vestibular era de Cr\$ 120,00 (Cento e Vinte cruzeiros). A prova constava de duas partes, uma teórica e outra prática. Segundo Ivan Antônio de Freitas, ex-aluno e professor da ESEFM, em entrevista concedida ao CEMEFEL em 26 de janeiro de 2012, a prova prática constava de um circuito cronometrado, que continha as seguintes modalidades: salto em altura, corrida, salto em distância, abdominal, flexão de braços. A prova para as mulheres eram as mesmas, porém eram pontuadas de forma diferente.

Em resposta ao Senhor Euclides Libânio, do Jornal Estado de São Paulo, datada de 16 de Março de 1972, que questionava se a ESEFM fazia uso do método Cooper no seu vestibular, o professor Wilian Peres Lemos esclarecia que o método até então não havia sido usado nos 2 primeiros vestibulares da ESEFM em 1971 e 1972 devido a uma certa incompreensão em utilizá-lo como método de treinamento, o que não seria correto. Ressalta, entretanto, que a partir do terceiro vestibular ele seria incorporado às provas. Estas aconteceriam em 16 e 17 de Dezembro de 1972. Não temos dados para comprovar se tal promessa foi cumprida.

Os alunos da primeira turma (1971-1974) eram em sua maioria da cidade de Muzambinho. Contudo, havia pessoas de muitas cidades do entorno; muitos vieram para a cidade e montaram “repúblicas” estudantis, mas alguns vinham e voltavam nos dias que havia aula: segundas, quartas, sextas e sábados.

Após serem aprovados no vestibular, os pretendentes tinham que organizar um arsenal de documentos comprobatórios para seu ingresso na escola. Cada aluno tinha uma pasta individual que deveria conter os seguintes documentos: documento de identidade, certidão de nascimento, atestado de vacinação, abreugrafia recente, atestado de saúde física e mental, atestado de conclusão do ciclo do colegial ou equivalente com o respectivo histórico escolar, duas fotos 3x4, recibo de pagamento da taxa exigida, atestado de boa conduta, atestado de quitação com serviço militar e título de eleitor⁴.

Através do Livro de Atas Para Entrega de Certificados de Colação de Grau, que se encontra na secretária do CeCAES – IFSULDEMINAS – campus de Muzambinho, podemos observar que apenas 65 alunos colaram grau, o que pode ser justificado no relato da professora Lia Mara. Ela argumenta que muitos alunos desistiram no decorrer do curso, por vários motivos. Mas, na sua opinião, a maior causa de evasão era por motivos financeiros.

Mesmo sendo baratíssimo, era financeiro, muito pouco a pessoa que chegava e não era aquilo que ela tava pensando, “eu pensei que fosse só jogo, ai não é só joga, não é isso que eu quero”, por exemplo anatomia, biologia, higiene, fisiologia que começou a dificultar muito, uma matéria pesada também, biometria era pesada também, então isso era um motivo uma causa de evasão, mas financeiro acho que era maior. (ZAGHI,2011, pag.64).

Na maioria dos relatos fala-se muito sobre a dificuldade financeira em se manter um curso superior, principalmente em se tratando do curso de educação física, que além dos gastos essenciais como aluguel, professores, etc, teria o gasto com os materiais didáticos, livros, materiais de apoio. Além das arrecadações que a FEM recebia de seus sócios, os alunos pagavam suas mensalidades. De acordo com o primeiro Livro de Atas, durante reunião que ocorreu no dia 08 de Agosto de 1971, pagina 29, foram liberadas 8 bolsas de estudos. O aluno interessado deveria preencher três pré-requisitos: comprovar sua situação financeira, comprovar aptidão para o curso e comprovar a falta de emprego. E os beneficiados deveriam cumprir algumas exigências, tais como: frequência mínima de 90%, não perder a média (5)

⁴ Tais dados foram pesquisados em <http://www.muz.ifsuldeminas.edu.br/index.php/fonte-textual>. Local destinado para o arquivo dos documentos digitalizados, para as entrevistas e demais documentos da ESEFM.

em qualquer matéria do curso, e sempre que solicitados deveriam ficar à disposição da escola para trabalhos extracurriculares. As bolsas variavam entre 1/4 de bolsa, no valor de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) a 2/3 do valor - Cr\$ 530,00 (quinhentos e trinta cruzeiros). Nenhum dos entrevistados conseguiu lembrar qual era o valor da mensalidade naquele período, apenas relataram que não era um valor alto; porém nem todos tinham condições de pagar. Em pesquisa ao site <http://www.trt3.jus.br/informe/calculos/minimo.htm>, o salário mínimo no estado de Minas Gerais era de Cr\$ 216, 00 (duzentos e dezesseis cruzeiros) de acordo com o DECRETO 68576 DE 01/05/1971. No entanto verificando o Livro Caixa 01, observei que a mensalidade era de Cr\$ 130,00 (cento e trinta cruzeiros), pouco mais que ½ salário mínimo . Logo percebemos que o valor registrado das bolsas não coincide com o valor da mensalidade. Ainda de acordo com o Livro Caixa 01, página 100, esta registrado um recebimento do Ministério da Educação e Cultura referente a bolsa de estudos no valor de Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) por aluno, totalizando Cr\$ 4.800,00 (quatro mil e oitocentos cruzeiros). O que justifica o fato da ESEFM poder viabilizar 8 bolsas de estudos, logo no início, pois tinham o apoio financeiro do Ministério da Educação e Cultura.

Os entrevistados não conseguiram lembrar o valor da mensalidade , mas todos falaram da grande dificuldade financeira que se tinha para pagar mensalmente a faculdade.

Era muito barato, mas era muito mais do que eu poderia pagar ... Então honestamente eu não sei fazer essa relação mais, era muito barato a escola não podia cobra caro, sobe pena de ficar sem aluno, mas pra mim era muito caro, alguns tinha carro próprio , vinham de carro próprio aí podiam paga, mais pra mim particularmente era muito caro, pesava muito e eu atrasava muito, nossa[...](FREITAS, 2012, p. 20).

Na lista de nomes dos alunos contemplados com a bolsa de estudos está o do professor Edson Dino que passou em primeiro lugar no primeiro vestibular e posteriormente integrou o corpo docente da ESEFM. Mas segundo relata em entrevista concedida ao CEMEFEL em 1º de setembro de 2012, esta bolsa nunca se efetivou.

Como eu estava dizendo a principio , que o Wilian me seduziu a fazer o curso, e eu sem condições ele me prometeu uma bolsa. E até bolsa de estudos naquela época foi difícil, eu conclui o curso sem a bolsa prometida. Mesmo eu tendo passado em primeiro lugar no vestibular

o que me credenciava a ter uma bolsa de estudos; e não consegui, me formei com a minha grana, não ganhei bolsa era uma grande dificuldade. E depois alguns deputados doaram bolsas e foi facilitando mais o trabalho dos alunos. A minha dificuldade foi essa eu tive que pagar centavo por centavo do que eu usei da faculdade como aluno. (DINO,2012 , p. 9).

Contudo, verificando o livro caixa 01, encontramos um registro datado em 27 de Novembro de 1971, com a descrição de recebimento referente a mensalidade no valor de Cr\$ 95,00 (noventa e cinco cruzeiros), de Edson Dino, o que comprova que realmente o aluno tinha um desconto na mensalidade. Assim como todos os oito alunos contemplados com a bolsa citada no livro Ata de reuniões também foram citados no livro caixa 01 com seus respectivos descontos.

Inicialmente foi alugado um prédio na Av. Dr. Américo Luz, que passou por uma pequena reforma para iniciar as aulas. Neste prédio aconteciam as aulas teóricas e algumas aulas práticas, pois havia uma área para a quadra de vôlei e um enorme salão para as aulas de ginástica. Contudo ainda era um lugar improvisado, sendo necessário deslocar os alunos para outros locais da cidade para a realização das aulas práticas. Esses locais eram emprestados, tais como o campo de futebol (Estádio Municipal Antonio Milhão), piscina para aula de natação (praça de esportes), a quadra do Colégio Professor Salatiel de Almeida. Segundo Lemos (1999), os locais das aulas eram distantes uns dos outros o que obrigava o aluno a constantes deslocamentos.

A parte térrea foi planejada para abrigar as salas de aula (em numero de quatro), sendo que um salão maior seria reservado para aulas "práticas". Havia ainda espaço para secretaria, tesouraria, diretoria, uma pequena biblioteca e as instalações sanitárias. Em forma de um quadrado, o prédio possuía no seu centro, circundado pelas salas, um espaço cimentado onde se imaginava pudesse ser improvisada uma quadra de vôlei. (LEMOS, 1999. p.43)

O modelo da educação física na década de 70 seguia um modelo inspirado na pedagogia tecnicista, que acreditava que a escola deveria adotar a lógica do modelo fabril de produção , devendo ser produtiva e organizada para formar indivíduos que fossem capazes de ingressar no mercado de trabalho. A concepção tecnicista baseia-se na competição, performance e na eficiência . A aprendizagem era baseada unicamente no desempenho, ou seja, o aluno deveria aprender e executar perfeitamente, sendo apenas um “ apertador de parafusos”. A função da

escola era preparar um indivíduo capaz, eficiente e útil para sociedade, cabendo a ele apenas a execução, fazer perfeitamente e não o compreender. Ao professor cabia apenas o papel de orientação e fiscalização da técnica perfeita. Segundo SAVIANI (2011, p.381).

“Com base no pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advoga a reordenação do processo educativo de maneira que o torne objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico. Se no artesanato o trabalho era subjetivo, isto é, os instrumentos de trabalho eram dispostos em função do trabalhador e este dispunha deles segundo seus desígnios, na produção fabril essa relação é invertida. Aqui, é o trabalhador que se deve adaptar ao processo de trabalho, já que este foi objetivado e organizado na forma parcelada. Nessas condições, o trabalhador ocupa seu posto na linha de montagem e executa determinada parcela do trabalho necessário para produzir determinados objetos. O produto é, pois, uma decorrência da forma como é organizado o processo. O concurso das ações diferentes sujeitos produz assim um resultado com o qual nenhum dos sujeitos se identifica e que, ao contrário, lhes é estranho”.

Com essa estrutura pedagógica tecnicista, ocorre uma esportivização na educação física, provocando até uma certa confusão entre Educação Física e Esporte. As aulas de educação física baseadas neste modelo trabalhavam com métodos de treinamento. Esse modelo foi imposto pelo governo daquele período por se tratar de um momento em que o esporte brasileiro estava em ascensão. Na década de 70, a Seleção Brasileira de Futebol conquistava o tricampeonato mundial no México e o regime autoritário utilizou o esporte como propaganda. Ou seja, usou-se politicamente para mostrar que nosso país estava bem em todos os setores. O governo militar investiu na educação física, principalmente com o objetivo de formar um exército composto por jovens fortes e saudáveis. Para isso, foi adotado o chamado "modelo piramidal", em que a educação física escolar seria a base. As aulas de educação física tinham como foco os alunos mais habilidosos, para a formação de atletas de alto rendimento. A maior meta desse modelo era projetar cada vez mais a imagem do país através do desempenho dos seus atletas.

Isto fica claro em TABORDA de OLIVEIRA (2001, p. 130): *“Já no discurso oficial, por mais que este advogasse a necessária educação integral dos indivíduos, sua ênfase exclusiva era sobre o esporte, o talento esportivo, a escola como celeiro de atletas.”*

Em 1969 a educação física passa a ser obrigatória em todos os níveis de ensino , inclusive no superior através do DECRETO-LEI N° 705/69. Segundo Castellani Filho (1988) o governo militar utilizava mais uma vez a educação física politicamente, vendo que os jovens universitários eram os mais resistentes ao novo regime , inclui a educação física no currículo do ensino superior como forma de alienação.

Ainda que houvesse uma atmosfera política favorável ao crescimento do esporte como política pública, é importante que se compreenda de que prática se falava. De acordo com a Lei Decreto n° 69450/71 o TITULO IV, CAPITULO I , art 5^a , III : *Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física. No item acima referente à composição das turmas era estabelecido que elas teriam que ser separadas por sexo .*

Partia-se do pressuposto que a aula de educação física tinha por objetivo a formação de atletas, sendo assim a turma deveria ser composta por alunos que tinham condições físicas semelhantes, ou seja homens separados das mulheres . Conseqüentemente, projetava-se uma padronização do grupo, visualizando as meninas fisicamente mais fracas do que os meninos. Elas atrapalhariam os meninos e, portanto, não poderiam fazer parte do mesmo grupo.

Todo esse cenário faz sugerir o modelo de educação física empregado no país naquele momento. Uma educação física tecnicista excludente e utilizada pelo governo para a passar uma imagem de País “poderoso” . Percebe-se pelos relatos dos ex professores e ex alunos da ESEFM, que a ESEFM também seguia esse modelo. Segundo Lemos (1999, p.47) “Naquela época a Educação Física recebia forte influência do método Desportiva Generalizada, que obteve grande aceitação entre os professores...”.

O método Desportiva Generalizada criado por Auguste Listello (1913), trata da difusão das técnicas dos movimentos em busca do melhor resultado dentro do esporte . Trata se de um método que era adaptado em qualquer lugar inclusive na escola, vindo a substituir os métodos antigos: método sueco, alemão, francês, etc.

Tinha por objetivo associar a ação educativa da educação física ao melhor resultado de desempenho esportivo. O método visava dar início ao desempenho

esportivo na escola e quem sabe o aluno pudesse chegar ao esporte de alto rendimento.

Se bem dotado esportivamente, tem a possibilidade de se orientar muito jovem na atividade de sua escolha e a oportunidade de aderir a uma sessão especializada de um Clube ou Centro Esportivo, fora do estabelecimento, sem contudo descuidar da regularidade de sua participação nas atividades físicas do colégio. (LISTELLO, 1973, p.2)

Esse modelo utilizado pela ESEFM fica muito claro em alguns relatos e em fotos, onde a aula era basicamente criada em cima de repetição de gestos e movimentos perfeitos.



FIGURA 1: Primeira Turma da Educação Física de Muzambinho – Site:

WWW.soumaismuzambinho.com.br de Idelma Bueno

Através da foto acima podemos perceber dois dados interessantes. Primeiro, a separação por gênero empregada naquele período, uma aula com apenas mulheres. Em segundo lugar, o método tecnicista, onde as mulheres realizavam os mesmos movimentos que lhes era comandado, ou seja reprodução perfeita dos movimentos coreográficos.

Outro fator que comprova o modelo tecnicista é o fato de que as aulas seguiam um padrão de competições de alto rendimento. Na avaliação, a parte prática tinha um “peso” maior do que a teórica. Quando indagada sobre essa questão a professora Lia Mara dá o seguinte relato :

A sequência da aula , então de ginástica moderna, era assim a gente pegava o código de pontuação dessas competições oficiais e seguia, por exemplo com o mais fácil, porque corda era mas fácil que fita, então começava com corda , com bola, massa, fita era o último, porque era mais difícil, massa é super difícil ... E agente seguia o filminho... que agente ia conseguindo das competições , eu passava o filme do Rio de Janeiro que eu buscava, eu fazia curso no Rio em Santos, a GRD lá era muito... muito, no Rio de Janeiro tinha competições GRD de ginástica moderna lindas. A modalidade formal desportiva de competição a mãos livres[...] (ZAGHI, 2011, p. 59).

A metodologia aplicada pelos professores eram baseadas neste modelo. De acordo com o Histórico do ensino da Disciplina, encontrada na documentação apresentada ao Conselho Federal de Educação – Reconhecimento , pagina 52, do professor Feres Jamyro Abdala, na disciplina de Ginástica Olímpica - oferecida apenas para os homens, as aulas aconteciam da seguinte maneira :

“1- Aulas serão práticas e teóricas. 2- No início de cada aula serão dados exercícios de reação e vivacidade para conseguir rapidamente um super aquecimento, que a ginástica exige. 3 - O aluno será julgado a partir do primeiro dia de aula por sua: Habilidade, Conduta, Atitude profissional, Honestidade de propósito, assiduidade, produtividade, vontade de acertar, pelo seu bom senso, asseio, interesse pela disciplina. Pela preocupação constante de dar segurança total ao companheiro, prevendo de antemão toda e qualquer possibilidade de acidentes, segurança acima de tudo.”

Analisando a metodologia do professor Feres, em Ginástica Olímpica, podemos verificar que exigia-se muito da parte física, nas suas habilidades, na execução perfeita dos movimentos, sem se preocupar com a capacidade criativa dos alunos.

As aulas eram separadas entre práticas e teóricas, sendo que a disciplina estritamente teórica acontecia apenas na sala de aula. A parte prática acontecia na quadra, mesmo que essa disciplina prática tivesse uma parte teórica, ela aconteceria na quadra. De acordo com os relatos, as aulas tinham um tempo médio

de 50 minutos e o material pedagógico era confeccionado pelos próprios alunos, eram materiais alternativos.

Era só específico mesmo , só o vôlei , saque, toque por cima, manchete , não tinha nada teórico , as técnicas muito pouco teoria. Professor de pratica, professor pratica, professor teórica, professor de teórica, as aulas eram praticas. Agente dava por exemplo, na GRD eu dava o código que ensinava o histórico, o código de pontuação como era feito, por exemplo numa competição , o que era avaliado, na teoria mas dentro da quadra, com retroprojektor, não tinha sala pra gente não, quem era teórico era teórico[...](ZAGHI, 2011, p.38).

Cabe aqui uma reflexão. Fica muito clara a falta de recursos financeiros enfrentada pela escola em seu início. Porém, como utilizavam materiais pedagógicos adaptados, feitos pelo próprios alunos, para execução de uma aula que tinha características do tecnicismo esportivista, com movimentos perfeitos baseado nas competição de alto rendimento?

Na década de 70 a mulher tinha pouca visibilidade e ainda era vista como o “sexo frágil”. A ela era dado o título de dona do lar, vista como progenitora e maternal. Devido suas características biológicas estava fadada a ficar em casa cuidando dos filhos. Isso vinha sendo reforçada desde parecer 224/1882, de Ruy Barbosa, no qual estipulava-se atividades ginásticas diferenciadas para homens e mulheres. Em 1965, a deliberação do Conselho Nacional dos Desportos nº 7/65, permitia que a mulher praticasse atividade física e apenas algumas modalidades de esporte.

Nº 1 Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

Nº 2 Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

Ou seja , qualquer esporte que houvesse contato físico era proibido. Ao analisar o currículo da ESEFM, observamos que as disciplinas de Ginástica Olímpica, Futebol e Judô faziam parte apenas do currículo masculino e a disciplina de Ginástica Moderna era só para as mulheres. Porém a disciplina de Ginástica

Geral, esta no currículo tanto dos homens, quanto das mulheres , mas eram ministradas separadamente. De acordo com a Cópia da Documentação apresentada ao Conselho Federal de Educação, páginas 48 e 49, onde encontramos o Histórico do Ensino da Disciplina, verifica-se que além da disciplina ser ministrada separadamente , os professores eram diferentes. Para os homens o professor responsável era Feres Jamyro Abdala, mas quem ministrou a disciplina foi o professor Nélio Francisco da Silva. Para as mulheres a professora responsável era Lia Mara Zaghi Lemos e a professora que ministrou as aulas foi Elenice Facion. Segundo PEREIRA et. al.(2012) “ A nova faculdade corroborava com a cultura sexista socialmente legitimada, reproduzindo uma prática corporal e esportiva que se pautava por pretensas diferenças biológicas para determinar o que seria típico do masculino e do feminino”.

[...]a Educação Física deve se adaptar às diferenças que se apresentam entre os sexos, embora o professor deva lembrar-se que tais diferenças, em sua grande maioria, são frutos, mais das influências culturais de nossa sociedade ocidental, que de fatores fisiológicos realmente diferenciadores...Assim ao propor atividades ginásticas distintas aos homens e às mulheres, justificando tal medida pela necessidade que viam de limitá-las, em relação às mulheres, àquelas que atendessem às suas peculiaridades bio-fisiológicas, Rui Barbosa, Fernando de Azevedo e todos aqueles que se viram influenciados por aquele ideário além de oportunizarem aos homens, maiores possibilidades de se desenvolverem em destrezas físicas, acabaram por reforçar o pensamento dominante acerca do papel da mulher na sociedade brasileira, qual seja, aquele que, ao ventilar a urgência de prepará-la fisicamente para a maternidade, estigmatizou sua imagem, associando-a quase que somente à idéia de mãe.(CASTELLANI FILHO, 1988. Pag. 60) .

Em 27 de Julho de 1974 as 16:00 horas, acontece a colação de grau da primeira turma. O evento aconteceu no Cine São José, tendo como paraninfo Dr. Antero Veríssimo da Costa e orador da turma o aluno Edson Dino, que posteriormente passa a integrar o corpo docente da instituição. Dados encontrados no Livro de Atas – Para Entrega de Certificados de Colação de Grau, que se encontra na secretária do CeCAES – IFSULDEMINAS – campus de Muzambinho.



FIGURA 2 : Comissão de Honra da 1ª Formatura – 1974. Foto do arquivo CEMEFEL

Durante a entrevista realizada com o professor Ivan Antonio de Freitas , ele faz uma descrição da foto acima , da direita para esquerda : *“esse aqui é o Dr. Antero, o Orivaldo era ... o Orivaldo é vivo ainda , que foi prefeito em Muzambinho, Orivaldo Gabriel Pereira, o Wilian, esse outro aqui era de Belo Horizonte , esse aqui era o Kaliquel de Guaxupé que era promotor de justiça é era deputado na época , deputado estadual, Dr. Duilio Borelli, e o sr. Rubens Abrão que era membro da fundação.”*(FREITAS, 2012, pag. 27).

Para a primeira colação de grau o então diretor, Wilian Peres Lemos envia convites para diversas autoridades comparecerem ao evento . A documentação contendo alguns telegramas de parabenização pela primeira formatura encontra-se na pasta de Telegramas 1969/75, no CEMEFEL. Nesta pasta encontramos um telegrama bastante curioso, onde Frei Rafael Zevenhoven em resposta ao convite recebido para participar da primeira formatura escreve para Dr. Antero, e a partir deste telegrama e de todos os documentos analisados , pode se perceber a enorme admiração e respeito que a sociedade de Muzambinho tinha pelo Dr. Antero Veríssimo da Costa .

Visconde do Rio Branco , 31 de Julho de 1974

“ Meu Caro Antero

Certamente vocês repararam na minha ausência por ocasião da primeira formatura da nossa querida Educação Física. Sinceramente, a culpa não foi minha, pois, já durante muito tempo estava esperando um convite, que veio , mas pra mim tarde demais. Recebi o convite no dia 24 de Julho , para estar ai no dia 27. Ora, muito embora não seja mais vigário , graças a Deus, mas mesmo assim tenho os meus compromissos na minha igreja que é o Santuário de Santo Antonio. Senti-me satisfeito com as notícias que Wiliam me mandou, dizendo que tudo estava indo muito bem com a escola.

Não sei em que dia poderei estar ai outra vez. Mas esteja certo que tudo o que se refere à escola me interessa, ainda que esteja 545Km distante de Muzambinho.

Meus parabéns portanto, a você Doutor, tão pai da Educação Física, como Santos Dumont é pai da aviação.

Considero a primeira formatura, como uma coroa de ouro colocada na sua cabeça, como reconhecimento de gratidão do povo de Muzambinho, que , em outras ocasiões às vezes tão reservado, mas que lhe deu todo o apoio necessário, moral e financeiramente falando.

Um abraço para toda a família, e Deus o conserve ainda por muitos anos.

Do amigo de sempre”

Frei Rafael Zevenhovem

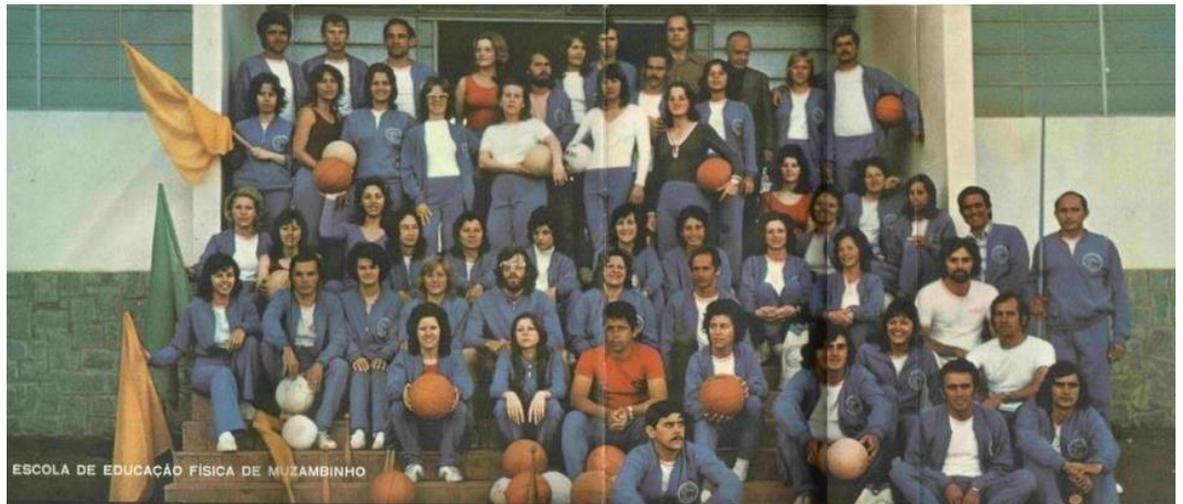


FIGURA 3 : Primeira Turma da ESEFM de 1974. Foto retirada do convite de formatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi construir uma versão sobre a criação e funcionamento da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM) entre 1969 (criação da Fundação Educacional de Muzambinho – FEM) e 1974 (formatura da primeira turma da ESEFM).

Foram objetivos específicos desta pesquisa:

- 1- Compreender como se deu a formação da ESEFM, as dificuldades, a participação da sociedade de Muzambinho neste início, a luta de toda uma cidade em prol de um único objetivo que era fundar a faculdade de Educação Física.
- 2- Analisar a composição do primeiro corpo docente.
- 3- Compreender como foi o primeiro vestibular, como e onde eram as aulas e a separação por gênero.
- 4- Refletir sobre a concepção de Educação Física que era difundida no nosso país naquele período, e qual a ESEFM utilizava, entendendo assim a circunstâncias que os primeiros professores de Educação Física se formaram.

Para a conclusão de tais objetivos utilizei de diversos documentos, tais como: livro ata de reunião, livro caixa, telegramas, fotos e entrevistas de ex-professores e ex-alunos. Para isso confrontei as entrevistas, os documentos disponíveis e a dissertação do professor Wilian Peres Lemos. Tais fontes foram analisadas a partir da perspectiva historiográfica da Escola dos Annales, ampliando os olhares possíveis sobre os fatos, bem como produzindo fontes orais.

Ao final deste trabalho chegamos a algumas conclusões:

- 1- A fundação da ESEFM foi marcada por inúmeros improvisos e adaptações, porém com muita luta e persistência dos envolvidos.
- 2- Percebe-se também a enorme influência e o poder de convencimento que os precursores iniciais da ideia tiveram sobre a sociedade de Muzambinho. As dificuldades enfrentadas não só para a criação da faculdade, mas também para mantê-la são evidentes, assim como a dificuldade dos alunos em se manterem no curso, devido a problemas financeiros.

- 3- Algumas disciplinas eram separadas por gênero, tais como: Ginástica Olímpica, Futebol e Judô faziam parte apenas do currículo masculino; disciplina de Ginástica Moderna era só para as mulheres.
- 4- A concepção de Educação Física ensinada na ESEFM era a pedagogia Tecnicista desenvolvida naquele período pela Ditadura Militar, e voltada para a apreensão de técnicas desportivas e códigos do esporte de alto rendimento.
- 5- Devido à quase inexistência de professores de Educação Física na região, o primeiro corpo docente foi quase que totalmente composto por profissionais de outras áreas.

Além dessas conclusões lastreadas pelos documentos consultados, afirmamos que a criação da ESEFM foi de grande valia para a cidade de Muzambinho, pela possibilidade de escolarização superior trazida a um setor da população, pela circulação de conhecimentos que a faculdade trouxe, bem como pelo crescimento das práticas corporais esportivas na cidade. São impressões baseadas em nossa experiência pessoal, que devem ser melhor investigadas num trabalho posterior. Concluimos afirmando que a criação da ESEFM e seus primeiros anos de existência consagrou uma iniciativa baseada no desejo coletivo de proporcionar à cidade novas perspectivas educacionais e culturais. Uma melhor compreensão do impacto desta iniciativa deverá ser formulada por novas pesquisas.

Referências Bibliográficas

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta.** 19ª edição. Campinas, SP : Papirus, 2011.

DINO, D. Edson: depoimento [Set.2012]. Minas Gerais: Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer - CEMEFEL/IFSULDEMINAS , 2012.

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho(ESEFM) – livro de atas de reunião n° 01

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM) - livro de atas do vestibular de 1971 a 1992. N° 01.

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM) - livro de atas para entrega de certificados de colação de grau. 1974. N° 01.

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho(ESEFM) – Pasta de Inventário de Bens.

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho(ESEFM) – Documentos apresentados ao Conselho Federal de Educação – Reconhecimento.

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho - Pasta de Telegramas 1969/75.

FREITAS, F. Ivan Antonio de : depoimento [Jan.2012]. Minas Gerais: Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer - CEMEFEL/IFSULDEMINAS , 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A importância do Conhecimento Histórico na Formação de Professores de Educação Física e a Desconstrução da História no Singular**(artigo).

LEMOS, Wilian Peres. **Escola Superior de Educação Física de Muzambinho no Contexto da Educação Física Brasileira.** Dissertação (Mestrado) – UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, FEF- Faculdade de Educação Física. Campinas, 1999.

LISTELLO, Auguste. **Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer**. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Pedagógica e Universidade Ltda, 1979.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. Tese (Doutorado)-PUC- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2001.

PEREIRA, Mateus Camargo. **Tecendo A Manhã: História do Diretório Central dos estudantes da Unicamp (1974/1982)**. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, FEF- Faculdade de Educação Física. Campinas, 2006.

PEREIRA, Mateus Camargo et. al. **Notas Iniciais Sobre a Fundação e Funcionamento da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho – ESEFM(1969 – 1974)**. Minas Gerais, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. 3ª edição. Campinas, SP : Autores Associados, 2011.

SENRA, Márcia. **Ciências Sociais e Questão Metodológica : fontes orais, história de vida e memória**. 2006.

SILVEIRA, Edér da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência e Conhecimento – Revista Eletrônica da Ubra São Jerônimo**, Vol. 01, 2007, História, A.2.

TRT – Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região de Minas Gerais . Disponível em <http://www.trt3.jus.br/informe/calculos/minimo.htm>.

ZAGHI, Z. Lia Mara: depoimento [Nov.2011]. Minas Gerais: Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer - CEMEFEL/IFSULDEMINAS , 2011.

WWW.SOUMAIMUZAMBINHO.COM.BR

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro de Entrevistas

- 1) Fale sobre história pessoal: família, relação com educação física, vinda pra Muzambinho.
- 2) De onde surge a idéia de fundar uma faculdade de educação física?
- 3) Quem foram os incentivadores da iniciativa?
- 4) Como vocês se colocavam dentro da política local de Muzambinho?
- 5) E a associação com a medicina?
- 6) Houve alguma tentativa de iniciar um curso piloto? Quando? Como foi?
- 7) Qual foi o papel de cada personagem na iniciativa de fundar?
- 8) Quais foram as mudanças na cidade com a abertura na faculdade?
- 9) Quem eram os estudantes?
- 10) Como foram escolhidos o 1º grupo de professores?
- 11) Como era o espaço para as aulas?
- 12) Quais foram as dificuldades no início?
- 13) Como eram as aulas práticas?
- 14) Eles em pensaram em desistir em algum momento? Por que? Em que condições?
- 15) O salário recebido na época dava para pagar as contas? Como estava financeiramente a instituição no início?
- 16) A construção do prédio da ESEFM. Como foi definido o que deveria ser construído?
- 17) Quando foi iniciada a construção e quando foi inaugurada?
- 18) E a biblioteca?
- 19) Qual o balanço que você faz dessa experiência?

ANEXO 2

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, _____, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o professor (a) _____, portador (a) do RG _____ e CPF _____, Coordenador do Centro de Memória de Educação Física Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS-Campus de Muzambinho, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como fonte de pesquisa, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pelo Instituto Federal do Sul de Minas – Campus de Muzambinho, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia ___/___/___, Instituto Federal do Sul de Minas – Campus de Muzambinho, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home video”, DAT (“digital audio tape”), DVD (“digital video disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da Instituto Federal do Sul de Minas – Campus de Muzambinho, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o professor(a) e

O Instituto Federal do Sul de Minas – Campus de Muzambinho poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou

oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Muzambinho, _____ de _____ 20__.

Assinatura: _____

Nome: _____

End.: _____

CPF: _____